

MAL DE DIFÍCIL REMÉDIO

HUMBERTO EUSTÁQUIO SOARES MARTINS*
Desembargador do Tribunal de Justiça de Alagoas

A equipe de transição que acompanha a transferência de poder no plano e as indústrias farmacêuticas fecharam um acordo que mantém os preços dos remédios nos níveis atuais até março próximo. Com o que haverá algum tempo para as novas autoridades no setor de saúde imaginarem como deverão proceder para encaminhar uma solução que diminua a gravidade de um dos maiores problemas brasileiros: dois terços da população não podem adquirir remédios, principalmente aqueles mais caros, de uso contínuo, para hipertensos, portadores de doenças neurológicas, da próstata, de diabetes, diversas moléstias que atacam os olhos etc.

Para os cerca de 30 milhões que sobrevivem abaixo da linha de pobreza, o governo mantém um programa de distribuição gratuita de medicamentos. Mas, na verdade, a pequena disponibilidade desses medicamentos e a irregularidade da distribuição obrigam os carentes que deles necessitam a um esforço e a uma tensão comparáveis à disputa de um triatlon.

Para os ricos, é possível adquirir remédios que equivalem ao valor de dois ou três salários mínimos. Mas entre os ricos – 3 ou 4 por cento da população – e os 30 milhões que se situam abaixo da linha de pobreza estão cerca de 100 milhões de indivíduos, da classe média ou assalariados que recebem mais de um salário mínimo e que mal dispõem de recursos para comer, vestir, pagar o aluguel da casa, o transporte e outras despesas elementares.

Os milhões de brasileiros, maioria esmagadora da população, não podem comprar remédios como não podem por os filhos na escola

particular, como não podem dispor de um mínimo de lazer, como não podem tirar férias etc.

Como proporcionar a mais de 100 milhões de indivíduos que não podem adquiri-los é apenas um dos problemas do governos que se inicia. Esse novo governo ganhou um prazo de 60 dias para imaginar o que pode fazer. Para imaginar o que pode começar a fazer.

Durante o período de 60 dias em que os preços dos remédios estão congelados não estão descartadas entretanto algumas majorações de produtos que sejam afetados por situações extraordinária, entre as quais escassez de matéria-prima no mercado. O último reajuste, em novembro de 2002, foi em média de 8 por cento, mas os laboratórios alegam que foi corroído pelo aumento do dólar.

Mantida a ênfase da nova situação com as questões sociais, os fabricantes de remédios terão que se preparar com as grandes compras de medicamentos destinados à distribuição para a população de baixa renda. Tantos os genéricos como os denominados de marca seriam incluídos nessas futuras grandes compras, ao que ficar em princípio acertado entre componentes da equipe de transição de dirigentes da indústria farmacêutica.

Os remédios têm uma participação significativa nos custos inflacionários. A transferência da maior parte dos laboratórios para grupos estrangeiros não fez com os medicamentos se tornassem acessíveis à população, ao contrário do que se anunciou com tanta insistência há uma década atrás.